

QDVNAS

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE
Proprietários: Filhos de José Bernardo Silva

História de Juvenal e o Dragão



SCÊNIO

T. Atto: LEANDRO SOUTO DE BARROS (11 me.)
João Martins de Athayde

Pe-3043

Estuon I: p. 319. [Lendo / Jo. J. de Souza]
Cat. I. 841.
Bib. Inv. - 99. +

João Martins de Athayde

propoz Fábula de José Bernardo da Silva

Juvenal e o Dragão

Quem ler esta história toda
do jeito que foi passada
verá que o falso é vil
nunca nos serviu de nada
a honra e a fidelidade
sempre foi recompensada

Morava um camponês
no subúrbio dum ducado
já faziam sete anos
que êle tinha enviuvado
só ficou com dois filhinhos
no que mais tinha cuidado

O velho adoeceu muito
conhecendo que morria
um casebre e 3 carneiros
só era o que possuía
deu como herança aos filhos
e morreu no mesmo dia

Ficaram ambos sozinhos
uma moça e um rapaz
disse ela ao irmão:
a partilha você faz
fique lá com os carneiros
que no valor são iguais

LEANTO G. SILVA

Ficou ela na choupana
cumprindo a sorte fatal
o seu nome era Sofia
e o dêle era Juvenal
que pensava em aventura
atrás do bem ou do mal

Juvenal disse à irmã:
eu não posso ter demora
vá viver com seu padrinho
que amanhã vou embora
junto com os meus 3 carneiros
por êste mundo afora

Quando foi no outro dia
limpou dos carneiros a lâ
preveniú-se do necessário
despediu-se da irmã
seguiu com os 3 carneiros
às 6 horas da manhã

Quando bateu meio-dia
êle estava descansando
na sombra dum arvoredó
os 3 carneiros pastando
viu que um sujeito estranho
perto dêle ia chegando

Aquêle sujeito estranho
tinha saído bem cedo
caçando com 3 cachorros
no penhasco dum rochedo
foi descansar nesse dia
naquele mesmo arvoredó

Chegando no arvoredado
foi dizendo: oh! meu rapaz
são seus aquêles carneiros
que eu vejo ali por traz?
quer trocar pelos cachorros?
veja o negócio que faz

Juvenal lhe respondeu:
nós não podemos trocar
os meus carneiros no mato
procuram se alimentar
a passo que seus cachorros
são preciso eu sustentar

Lhe disse o desconhecido:
nenhum dos três é ruim
na hora que estou com fome
basta só dizer assim;
Rompe Ferro, mão à obra —
traz pra êle e pra mim

—Cada um dêsses cachorros
é um grande defensor
se acabam, morrem lutando:
em defesa do senhor
são chamados: Rompe Ferro —
Ventania e Provador

Juvenal pensou um pouco
de ficar sem os cordeiros
mas lembrou-se que os cães
são amigos verdadeiros
lhe disse: está feita a troca
pode levar os carneiros

Dizia o rapaz consigo:
na troca não fiz vantagem
andar com êstes 3 cães
precisa muita coragem;
às duas horas da tarde
seguiu a sua viagem

Mais tarde chegou-lhe a fome
não tinha onde comprar
fêz como o sujeito disse
no momento de trocar
—Rompe Ferro, mão à obra;
o cachorro foi buscar

Toda ordem que êle dava
o cachorro obedecia
mandou êle às 5 horas
antes de findar-se o dia
trouxe-lhe um linda cêsta
cheia de comedoria

Juvenal pegou a cêsta
quando acabou de jantar
deu êle aos cães dizendo:
comam até se fartar
eu com 3 amigos dêsses
não temo de viajar

Quando os 3 cães acabaram
davam pulos de alegria
um corria atrás do outro
em tresloucada folia
fazendo festa ao moço
que satisfeito sorria

Juvenal seguiu viagem
cada vez mais animado
naquela zona esquesita
com seus cachorros de lado
foi dormir no outro dia
na terra doutro reinado

Já fazia um mês e tanto
que êle andava de viagem
no pé duma grande serra
avistou uma carruagem
até para dois cavalos
era difficil a passagem

Êle vendo a carruagem
foi logo se aproximando
viu dentro uma linda moça
vinha de longe chorando
o cocheiro muito triste
suspirava de vez enquanto

Juvenal viu a princesa
em pranto sem se calar
dirigiu-se ao cocheiro
—Desculpe eu lhe perguntar
que vem ver esta princesa
nas brenhas dêste lugar?

Quase sem poder falar
o cocheiro respondeu:
a princesa está chorando
mas o culpado não fui eu
dê licença, eu vou contar
o caso como se deu

—Daqui a cinquenta léguas
 existe um grande reinado
 que passou mais de cem anos
 sendo o povo devorado
 por 1 monstro horrendo e feio
 misterioso encantado

—É impossível contar
 a fôrça que a fera tinha
 não respeitava princesa
 duque, nem rei, nem rainha
 devorava tôda policia
 o exército e a marinha

—O povo todo alarmado
 morrendo sem remissão
 par tôda parte que ia
 não achava proteção
 o rei não tinha recurso
 para remir a nação

—O rei já muito nervoso
 só esperava morrer
 um dia estava dormindo
 ouviu uma voz dizer:
 vou te propor um negócio
 responda se quer fazer

—Eu sou a tirana fera
 que venho me despedir
 pretendo dar-lhe um descanso
 e deixar de o perseguir
 se o senhor prometer
 fazer o que lhe pedir

— Se acaso aceita o negócio desde já fique avisado pra me mandar todo ano num lugar determinado uma das moças bonitas que tiver no seu reinado

— Eu só faço êste negócio pra cessar a mortandade se o senhor não cumprir e usar de falsidade eu venho de lá da furna devorar tôda cidade

— Diante desta ameaça o rei ficou sem ação como êle enfrentaria tão grave situação? o jeito era dar apóio a proposta do dragão

— Então o rei sujeitou-se a todo ano mandar uma das moças bonitas que tivesse no lugar daqui vai ela pra furna para a fera devorar

— É êsse o motivo justo da nossa grande tristeza pra aqui já tenho trazido muitas filhas da pobreza mas hoje tocou de sorte a esta infeliz princesa

Juvenal ficou imóvel
 vendo a triste narração
 perguntou ao cocheiro:
 onde habita êsse dragão?

Numa fuma desta serra...
 e apontou com a mão

Juvenal disse ao cocheiro:
 vou fazer uma loucura
 ando percorrendo terra
 em busca duma aventura
 não vou deixar essa fera
 comer esta criatura

—Não digo por pabulagem
 nunca temi a inimigo
 eu junto com meus 3 cães
 só Deus poderá comigo
 enfrento um cento de feras
 não digo que vi perigo

Disse o cocheiro a princesa:
 acho bom se apeiar
 tôdas que vêm para aqui
 vão aêle se entregar
 se vossa alteza não fôr
 o monstro vem lhe buscar

Ela aí desceu do carro
 traspassada de tristeza
 Juvenal com muita pena
 desta morte sem defesa
 chamou os seus 3 cachorros
 acompanhou a princesa

O cocheiro que estava
quase morto de pavor
gritou para Juvenal:
aonde vai, meu senhor?
volte daí, não prossiga
o monstro é devorador!

Juvenal nem deu ouvidos
ao que ele estava dizendo
porém de repente viu
a montanha estremecendo
conheceu no mesmo instante
que a fera vinha descendo

la a princesa na frente
Juvenal mais atrasado
quando a fera viu a moça
deu um urro agigantado
até os três cães ficaram
com o cabelo arrepiado

Aí a fera avançou
para agarrar a princesa
Juvenal tomou a frente
porém não mostrou fraqueza
depois gritou: Rompe-Ferro
preciso de tua defesa!

Quando Rompe-Ferro ouviu
o grito do seu senhor
que tinha enfrentado a fera
sem ter medo nem pavor
partiu pra cima do monstro
como um raio abrasador

O moço era destemido
 com seu cachorro valente
 éles dois incorporados
 lutando com a serpente
 Juvenal no ferro frio
 e o cão fiel pelo dente

Era um monstro sem feitio
 de um corpo descomunal
 todo coberto de escamas
 mais duras do que metal
 tudo era mole, na ponta
 do punhal de Juvenal

A moça vendo o embrulho
 pender p'ro fundo da gruta
 dando cada rabiçaca
 com uma fôrça aboluta
 vendo a hora que o rapaz
 se acabava na luta

Ajoelhou-se por terra
 implorando ao Criador:
 — Valei-me pai poderoso
 livrai-me dêste terror
 salvai também êste moço
 do dragão devorador!

— Também prometo, Senhor
 meu pranto não é fingido
 se nesta luta sangrenta
 o jovem não fôr ferido
 quando voltar ao reinado
 farei dêle meu marido!

Lá no fundo duma gruta
 a luta era tenebrosa
 a serpente dava urros
 e rabiçaca raivosa
 fazendo tremer a terra
 naquela gruta rochosa

Esse monstro possuía
 no grande corpo um lugar
 debaixo da asa esquerda
 que quem pudesse acertar
 com um pequeno ferimento
 era capaz de o matar

Rompe-Ferro experiente
 nesse lugar farejou
 debaixo da asa esquerda
 de repente mergulhou
 no lugar mais perigoso
 o cachorro abocanhou

Viu-se logo a diferença
 quando o cachorro mordeu
 o monstro deu um esturro
 que toda terra tremeu
 na segunda abocanhada
 a serpente esmoreceu

Assim que Juvenal viu
 a fera desanimar
 sentou-se pra outro lado
 dizendo: vou descansar
 e deu ordem a Rompe-Ferro
 para acabar de matar

Disse o rapaz; para que
ninguém duvide desta história
que briguei com êste monstro
na luta alcancei vitória;
tirou dois dentes da fera
para servir de memória

Quando a moça viu-se livre
daquele horrendo animal
foi ajoelhar-se chorando
diante de Juvenal
pedindo pra acompanhá-la
até a côrte imperial

—Exijo que vá comigo
para meu pai conhecer
êsse homem destemido
que me salvou de morrer
mesmo pra recompensá-lo
da forma que merecer

—Terás lá no meu reinado
teu nome reconhecido
por todos da minha côrte
hás de ser bem recebido
o mndo será ciente
do teu valor merecido

—Tu salvaste minha vida
enfrentando êste dragão
como também te arriscando
salvaste a minha nação
portanto aqui te entrego
alma, vida e coração

Disse êle: eu nada quero
do beneficio que fiz
desejo que sua alteza
siga em paz seja feliz
vou vê-la de hoje a 3 anos
na capital do pais

O cocheiro que pensava
do moço a fera matar
êle que estava de longe
ouvindo a serra zuar
quase morria de medo
nem se moveu do lugar

Juvenal muito vexado
não pôde mais ter demora
disse à princesa: desculpe
eu não ir com a senhora;
botou-a na carruagem
despediu-se e foi embora

A imagem do rapaz
gravou-se divinamente
ante os olhos da princesa
tão linda, casta, inocente
e uma paixão sublime
germinou rapidamente

Juvenal nunca pensou
que a sua protegida
fôsse cair novamente
nas mãos da fera homicida
que o tal cocheiro imundo
quisesse tirar-lhe a vida

O cocheiro seguiu com ela
adiante lhe perguntou:
vossa alteza pagou bem
àquêle que lhe salvou?
disse ela: fui pagar-lhe
mas éle não aceitou

Com os olhos de traidor
lhe respondeu o cocheiro:
àquele que lhe salvou
é um grande aventureiro
anda vagando no mundo
não precisa de dinheiro

—Se vossa alteza quisesse
com muita facilidade
pode fazer num momento
a minha felicidade
dizer que matei a fera
que devorava a cidade

—A senhora nada perde
me fazendo êste favor
pois aquêle aventureiro
é bruto não tem valor
vossa alteza perde tempo
se fôr consagrar-lhe amor

Disse a princesa ao cocheiro:
eu não sou desconhecida
não vou contar uma história
que não foi acontecida
tornando-me facinorosa
pra quem salvou minha vida

—Nem permito que um Judas
covarde, vil, descambido
insulte desta maneira
um moço tão destemido
que não sendo êle a Deus
agora eu tinha morrido

Iam passando uma ponte
o cocheiro disse assim:
o fulano não precisa
arranje isto pra mim
se a senhora não fizer
aquí mesmo dou-lhe fim!

—Lhe atiro da ponte abaixo
o diabo tem que a levar
quando eu chegar na côrte
se alguém me perguntar
eu digo: a fera comeu-a;
ninguém vem mais procurar

Aquela infeliz princesa
conhecendo que morria
jurou perante ao cocheiro
fazer como êle queria
e aquêle horrendo segrêdo
por ela ninguém sabia

—Eu juro perante a Deus
que negarei a verdade
quando chegar lá na côrte
farei a vossa vontade
digo que matou a fera
que devorava a cidade

O cocheiro olhou pra ela
riu-se de satisfação;
—Agora sim, princesinha
sou um grande cidadão
serei perante o monarca
o grande herói da nação

Quando chegaram na côrte
a cidade estremeceu
dizia o povo em delírio:
a princesa não morreu
o cocheiro trouxe ela
a fera não a comeu!

Quando o rei viu a princesa
quase morre de alegria
e contaram a história
como o cocheiro queria
o rei muito interessado
toda historia dele ouvia

Disse o cocheiro: monarca
dê-me licença narrar
quando chegamos na furna
que fiz o carro parar
eu disse para a princesa:
acho bom se apear

—Ela aí desceu do carro
transpassada de tristeza
eu fiquei com muita pena
dessa morte sem defesa
saquei pelo me punhal
e acompanhei a princesa

—A princesa como estava
quase morta de pavor
me disse: deixe-me só
volte à côrte por favor
volte daqui não prossiga
o monstro é devorador!

—Eu aí não dei ouvidos
ao que ela estava dizendo
porém de repente vi
a montanha estremecendo
conheci no mesmo instante
que a fera vinha descendo

—Ia a princesa na frente
eu ia mais atrasado
quando a fera viu a moça
deu um urro agigantado
confesso que até fiquei
de cabelo arrepiado

—Mas uma coisa dizia:
não deixe a moça morrer
se salvares a princesa
muito feliz hás de ser
portanto, enfrenta o perigo
repara o que vais fazer

—Aí a fera avançou
para agerrar a princesa
llego tomei a frente
porém não mostrei fraqueza
nunca pensei, majestade
possuir tanta destreza

—Era um monstro sem feitio
de corpo descomunal
todo coberto de escamas
mais duras do que metal
porém tudo ficou mole
na ponta de meu punhal

—Danei-lhe uma punhalada
chega seu corpo rangeu
a fera deu um esturro
que tôda terra tremeu
na segunda punhalada
a serpente esmoreceu

—Acabei de a matar
como quem não faz vantagem
botei a linda princesa
sem força na carruagem
deixei a fera estendida
voltei então da viagem

O povo todo deu crença
ao que o cocheiro dizia
o rei disse: és um herói
mostraste ter garantia
vou promover-te a fidalgo
da alta aristocracia

Apertou êle nos braços
cheio de contentamento
dizendo: minha filha vive
pelo teu merecimento
como não posso pagar-te
dou-te ela em casamento

A princesa quando ouviu
falar-se em tal cassamento
mudou de côr de repente
quase dar-lhe um passamento
— Oh! meu Deus, dizia ela
pra que fiz tal juramento?!

E correndo pra seu quarto
num pranto desensofrido
exclamava: meu bom pai
oh! quanto tenho sofrido!
mandai Juvenal, meu Deus
coitado, éle foi traido!

— Pelo ódio e ambição
de um imundo cocheiro
vou perder o meu amigo
o meu herói verdadeiro
dai-lhe um aviso, meu pai
dêste plano traiçoeiro!

— Ah! se eu pudesse agora
contar tudo ao majestade
dizer que êste cocheiro
não quer contar a verdade
mas devido a minha jura
perdi a felicidade!

Leiter, deixemos aqui
fechada em seu aposento
a bela e meiga princesa
lamentando o seu tormento
e vamos ver Juvenal
onde está nesse momento

Depois de salvar a moça
o belo moço saiu
em busca de outra aventura
a viagem prosseguiu
junto com os 3 cachorros
em outro reino dormiu

Naquela noite sonhou
que estava num reinado
em uma linda manhã
e o castelo engalanado
de rosas e lindas flôres
era o solo atapetado

Um perfume inebriável
recendia no espaço
belas damas sorridentes
tinha êle em cada braço
vestindo finas fazendas
duma beleza sem jaço

Num lindo trono de ouro
se via a linda princesa
trajando lindo vestido
tinha êle em cada braço
vestido finas fazendas
duma beleza sem jaço

Nisto chegou um magistrado
um bispo e um escrivão
disseram então para êle:
se apresse, cidadão
pra receber da princesa
sua linda e santa mão

Nesse interim chega 1 homem
de semblante aborrecido
que disse: parem com isso
êste homem é um bandido
quer desfrutar uma glória
sem a ter adquirido

Juvenal mesmo em sonho
fez uso de seu punhal
seu inimigo também
puxou da cinta outro igual
travou-se uma luta horrenda
sangrenta, cruel, brutal

No fim da luta êle viu
as flôres tôdas pisadas
as damas por sôbre o solo
sem sentido, desmaladas
êle prêso na parede
sôbre lanças e espadas

Seu inimigo sorrindo
de braço com a princesa
o povo lhe dando vivas
êle prêso sem defesa
nisto o rapaz acordou-se
assustado com certeza

Juvenal ficou pensando
neste sonho aborrecido
e disse consigo mesmo:
o que terá acontecido?
a princesa que salvei
talvez tenha me traído

Mas depois disse consigo:
não posso temer traição
sei mesmo que a princesa
me ama de coração
saberei tôda verdade
ao regressar à nação

—E se algum atrevido
um covarde ou traidor
tiver forçado a princesa
a recusar meu amor
nesse dia fico louco
bebo sangue do impostor

Confiado na princesa
no punhal e no Divino
Juvenal seguiu viagem
sempre como peregrino
com os cachorros dum lado
projetando seu destino

E assim passou um ano
e Juvenal prosseguia
sua vida aventureira
pensando voltar um dia
pois êle disse a princesa
com 3 anos voltaria

Deixemos êle um instante
e voltemos ao reinado
onde o cocheiro covarde
viu seu plano coroado
era agora herói do rei
só faltava ser casado

A princesa em casamento
não queria ouvir falar
o rei marcou para um ano
dali se realizar
no tempo ela adoeceu
somente pra não casar

Foi uma doença séria
acompanhada de dor
mas tudo isso arranjado
por conhecido doutor
bem pago pela princesa
filha do imperador

O cocheiro aperreado
sempre junto a majestade
pedia para apressar
este laço de amizade
temendo que com mais tempo
se descobrisse a verdade

O comentário na rua
era bem desencontrado
um dizia que o cocheiro
de fato tinha lutado
com a fera desumana
que devorava o reinado

Outro porém respondia
que era combinação
o rei não queria dar
a filha para o dragão
e mais tarde quem pagavam
eram os filhos do nação

Paremos aqui, leitor
 deixemos isso pra frente
 vamos saber como passa
 a princesinha doente
 seu pai estava ficando
 severo e muito exigente

Assim passou-se dois anos
 com mais um fazia três
 disse o rei a sua filha:
 há de casar desta vez
 eu garanti a teu noivo
 de não passar deste mês

A moça mais uma vez
 lembrou-se de Juvenal
 exclamou: tudo acabou-se
 minha sina foi fatal
 vou casar-me com 1 monstro
 traidor como chacal!

Faltavam apenas dois dias
 para o grande casamento
 o castelo em reboleço
 era grande o movimento
 enfeitos, bolos e comida
 tudo estava em andamento

Na véspera do casamento
 viu-se entrar um viajante
 levando mais três cachorros
 dum tamanho extravagante
 era Juvenal que vinha
 em busca de sua amante

Juvenal ouviu dizendo
por uma felicidade:
casa hoje um grande herói
com a filha da majestade
porque matou o dragão
que devorava a cidade

Juvenal cego de raiva
na mesma hora rompeu:
êsse homem é mentiroso
sem ver o monstro correu
o dragão de quem se fala
quem matou êle foi eu

As praças ouvindo falar
daquele nobre senhor
disseram logo: está prêso
infame conspirador
maltratando em praça pública
o genro do imperador!

Juvenal pulou pra traz
bateu palma ao seu cão
partiu pra êle dizendo:
sou filho de outra nação
ainda vindo o exército
eu não me entrego a prisão.

Aí travou-se uma luta
os cães entraram no meio
em menos de meia hora
era um estandarte feio
que o rei lá do palácio
estava ouvindo o tiroteio

Foram dar parte ao rei
da grande calamidade
dizendo: aí tem um moço
que hoje entrou na cidade
tem morto tanto soldado
que é uma barbaridade

— Ele conduz 3 cachorros
são 3 panteras iguais
o homem briga por dez
pula mais que satanaz
da sua espada sai fogo
igual as chamas infernais

O noivo com a notícia
doeu-lhe no pensamento
disse o rei aos convidados:
demorem aí um momento
esperem minha chegada
pra fazer o casamento

O rei chegou foi entrando
no meio da multidão
gritou: está garantido
quem fêz a revolução
quero saber como foi
o principio da questão

Com a chegada do rei
o povo todo acalmou
Juvenal com os 3 cães
um arranhão não levou
chegou pra perto do rei
por esta forma falou:

—Sua alteza vá sabendo
nunca fui homem malvado
pretendo contar-lhe tudo
da forma que foi passado
mas quero que minha história
seja ouvida no reinado

Dali mesmo o rei levou
Juvenal para o salão
pra contar de qual maneira
princípios a questão
quando o moço entrou na sala
tudo mudou de feição

A moça ao ver seu amante
chorou de tanta alegria
por saber que todo plano
êle agora descobria
e finalmente depois
com ela se casaria

Mas quando o cocheiro viu
aquele recém-chegado
conheceu logo os cachorros
ficou da côr de um finado
e disse consigo mesmo:
agora estou desgraçado!

Disse Juvenal ao rei:
me disseram sem maldade
hoje casa um grande herói
com a filha da majestade
porque matou o dragão
que devorava a cidade

—Eu fiquei cego de raiva
porque isso não se deu
e disse: êle é mentiroso
sem ver o monstro correu
o dragão de quem se fala
quem matou êle foi eu

Aí os soldados todos
me deram voz de prisão
eu gritei por meus cachorros
e fiquei de prontidão
por êsse grande motivo
princípiou a questão

—Lutei pelo meu direito
como qualquer um lutava
me acabava lutando
mas eu não me entregava
o céu virava fumaça
a terra se desmanchava

—Estou contando a história
que a condição me obrigou
a fêra de quem se fala
foi êste homem que matou
a princesa é testemunha
de tudo que se passou

O rei chamou a princesa
pra contar o que sabia
ela prontamente veio
traspassada de alegria
desabafar esta mágoa
que há três anos sofria

Ela aí continuou
para todo mundo ver:
—meu pai está perguntando
porque deseja saber;
sim senhor foi êste o homem
que me salvou de morrer

—Quando eu fiquei no bosque
onde o cocheiro deixou
que ia subindo a serra
este homem me acompanhou
foi lutar com o dragão
eu vi quando êle matou

--Quando êle matou o monstro
nesta mesma ocasião
arrancou 2 grandes dentes
julgando ter precisão
se não perdeu indo tem
os 2 dentes do dragão

—Depois o moço levou-me
botou-me na carruagem
muito decente e modesto
como quem não faz vantagem
aí apertou-me a mão
e seguiu sua viagem

—Agora o cocheiro, sim
fêz verdadeira traição
êle pensava meu pai
que não tinha punição
mas vou contar a miúdo
tôda sua narração

O cocheiro saiu comigo
adiante me perguntou:
vossa alteza pagou bem
àquêle que lhe salvou?
eu lhe disse: fui pagar-lhe
mas ele não aceitou

—Disse êle: sendo assim
me dê vossa proteção
dizendo em casa a seu pai
que eu matei o dragão
todo mundo lhe acredita
e ninguém dirá que não

—Então eu disse pra êle:
nunca fui desconhecida
não vou contar uma história
que não foi acontecida
usando de falsidade
pra quem salvou minha vida

—Nem permito que um Judes-
covarde, vil descambido
insulte desta maneira
um homem tão destemido
que não sendo êle e Deus
agora eu tinha morrido

Iamos perto da ponte
quando êle disse assim:
abra seus olhos princesa
arranje isto pra mim
se a senhora me negar
aqui mesmo deu-lhe fim

—Lhe atiro da ponte abaixo
o diabo tem que a levar
quando eu chegar na córte
se alguém me perguntar
eu digo: a fera comeu-a
e ninguém vem procurar

—Eu que estava sozinha
conhecendo que morria
jurei perante ao cocheiro
fazer como êle queria
jurando mais que o segrêdo
por mim não se descobria

—E foi assim meu bom pai
que pude me defender
de ser lançada da ponte
já decidida a morrer
mas Deus protegeu-nos, pai
fez a verdade vencer

Aí descobriu-se tudo
o rei ficou se mordendo
disse para o cocheiro:
você vai morrer sabendo!
mandou por 4 carrascos
tirar-lhe o couro êle vendo

Casou-se a linda princesa
com o valente Juvenal
repercutiu a noticia
pelo mundo universal
rolou festa quinze dias
no palácio imperial

Juvenal no outro dia
às seis horas da manhã
mandou um grande cortejo
buscar sua linda irmã
aquela menina esbelta
das faces côr de romã

Os cães vendo a menina
ficaram de prontidão
e disseram a Juvenal:
está linda a nossa missão
queríamos ver se a riqueza
mudava teu coração

Os cães eram encantados
não podiam ter demora
se viraram em 3 pássaros
alvos da côr da aurora
disseram: adeus Juvenal!...
voaram e foram embora

—F I M—

Juazeiro, 4-2-74

Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife - Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café S. Miguel, dentro do Mercado Central
Fortaleza - Ceará

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1825 -- Natal-R. N.

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém - Pará

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695-Lote 4
Bangu - Rio - GB

JOSÉ DE SOUZA CASTRO
Mercado de Baturité

Quarto n. 63 - Baturité - Ceará

BANCA TROVAS DO NORTE

Lino Ferreira Neto - Mercado Publico

Santa Inês - Maranhão

1 - Ver. aut. Hist. Indiv. em
T. de C. e C. - p. 31.
- M. C. n. 5. 1/1. Roma, 23/1 - (31 p. 1) e cont. C. e C. 1.
R. C. 1. 2. 841. de 21. 06. 48 em auto: "Este livro foi
incompleto até a dia 12/10/1970. Depois de ser em licença para
e ser um romance completo, em tal de p. 100
LIVRO."